



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**31 de março e 01 de abril de 2018**

## Diário Catarinense e A Notícia De Ponto a Ponto

“Com qualificação, jovens retornam ao campo e fomentam agricultura familiar”

Com qualificação, jovens retornam ao campo e fomentam agricultura familiar / Marcos Polla Giassi / Evair Mota Polla / Hidroponia / Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina / Epagri / Hortaliças / Meleiros / Florianópolis / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC

SÁBADO E DOMINGO, 31 DE MARÇO E 1º DE ABRIL DE 2018

# DE PONTO A PONTO

SUL

## SONHO RURAL

O aumento no número de jovens que voltam para o campo, como os primos Marcos Polla Giassi e Evair Mota Polla (E), vira realidade e renova velhas práticas de cultivo e produtividade

7 LARIANE CAGNINI



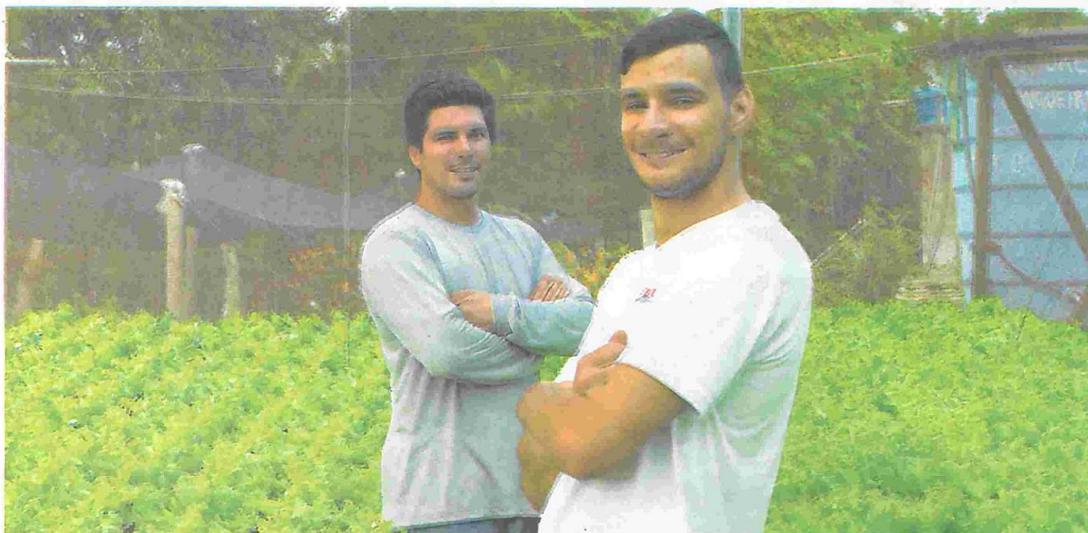
SUL



**LARIANE CAGNINI**

lariane.cagnini  
@somosnsc.com.br

Marcos Polla Giassi e o primo, Evair Mota Polla (à esquerda), apostaram na produção de hortaliças na propriedade da avó, em Meleiros, Sul do Estado



QUADERNE IMAH, EPAGRI

## Com qualificação, jovens retornam ao campo e fomentam agricultura familiar

**NOS ÚLTIMOS CINCO** anos, mais de 1,8 mil jovens rurais passaram pelos cursos realizados pela Epagri

Formado em Engenharia de Produção, Marcos Polla Giassi, 25 anos, decidiu abandonar o mercado de trabalho formal e se dedicar à hidroponia. Ele e o primo Evair Mota Polla, 25, aproveitaram uma área na propriedade rural da avó para empreender, na contramão de quem deixa o campo para viver na cidade. Nos últimos cinco anos, eles e outros 1,8 mil jovens passaram por cursos da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri), que visam manter essa turma no campo.

Os primos moram em Meleiro, no Sul do Estado, e insatisfeitos com o momento profissional em que se encontravam, resolveram apostar na produção de hortaliças em 2015. Evair foi para Florianópolis para um curso rápido pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), e na prática, os dois colocaram o negócio para funcionar. No ano passado, voltaram para a sala de aula, dessa vez no curso da Epagri em Araranguá. Com incentivo do governo, ampliaram a área da estufa, e hoje colhem 700 mil pés de alface, rúcula, chicória e agrião por semana.

– Qualificou algumas técnicas de manejo, a questão da administração, planilhas, também melhorou. Hoje estamos tendo um retorno bom, vendemos para mercados, feiras, restaurantes, é a nossa fonte de renda – comentou Marcos.

Desde 2012, quando os cursos

para jovens rurais começaram em 13 unidades do Estado, mais de 260 alunos passaram pelos centros de treinamento da região Sul, em Araranguá e Tubarão. A estimativa da Empresa de Pesquisa Agropecuária é que pelo menos 15% dos filhos de agricultores, que deixam o campo em busca de qualificação, retornam para aplicar o que aprenderam.

– A maioria dos jovens foi se capacitar para continuar na atividade rural, mas fazendo diferente, seja na mesma atividade ou em novas opções geradoras de renda – explica o Gerente Regional da Epagri Araranguá, Reginaldo Ghellere.

### ATUALIZAÇÃO NO MANEJO FEZ DOBRAR A PRODUÇÃO

O conhecimento no meio rural, que costumava ser passado de pai para filho, também tem sofrido mudanças. Na propriedade da família Zilli, em Meleiro, o plantio do arroz e a produção de leite são desenvolvidos há muitos anos, mas a maneira como isso é feito, evoluiu. O filho caçula Gabrel Zilli já vai para o quarto curso de qualificação profissional, e o que aprende na cidade, coloca em prática no campo.

A produção de leite, que em 2015 não chegava a 5 mil litros mês, hoje fica entre 7 e 8 mil litros. O número de animais produzindo não aumentou tanto – de 14 para 16 – mas a

maneira de trabalhar fez crescer a produtividade. Alimentação, ordenha mecanizada, tudo influenciou para que o volume dobrasse.

– De lá para cá não parei um ano de fazer cursos. Meus pais são aposentados, mas ainda trabalham um pouco no campo, e hoje vejo meu futuro trabalhando aqui, nessas duas atividades. O pai fazia de um jeito, quando cheguei com as mudanças ele ficou meio desconfiado. Hoje ele é bem mais aberto para as novidades – comenta.

A área do plantio de arroz não foi ampliada, mas o investimento em tecnologia e em conhecimento também tem feito diferença. O clima ainda é o fator mais importante nessa cultura, segundo Zilli, mas é possível prover melhor os recursos com mudanças no manejo. Uma área trabalhada com menos agrotóxico, adubos, que passa por uma análise de solo anterior ao plantio,

### Mais 390 capacitados até o fim do ano

Nos centros de treinamento pelo Estado, mais 390 alunos irão concluir a capacitação até o final do ano. Em Araranguá, no curso de horticultura, um índice positivo chamou a atenção da coordenadora Lidiane Camargo. Quase metade – 16 dos 35 inscritos – são mulheres, uma tendência que também tem surgido nos últimos anos.

Na sétima turma a estudar no centro da Epagri no extremo Sul do Estado, há lista de espera para a formação em hortaliças e frutas. Na avaliação dos especialistas, é mais um indicativo de que a vida no campo e o trabalho no meio rural têm atraído cada vez mais interessados.



Gabrel Zilli, que trabalha com produção leiteira, já vai para o quarto curso de qualificação profissional

QUADERNE IMAH, EPAGRI

## Diário Catarinense e A Notícia Caderno Nós

“A falta de justiça provoca uma devastação semelhante à da perda”

A falta de justiça provoca uma devastação semelhante à da perda / Daniela Arbex / Jornal Tribuna de Minas Gerais / Boate Kiss / Universidade Federal de Santa Catarina / Santa Maria / Livro / Holocausto Brasileiro: vida, genocídio e mais de 60 mil mortes no maior hospício do Brasil / Jornalismo

2 NÓS SÁBADO E DOMINGO,  
31 DE MARÇO E 1ª DE ABRIL DE 2018

ENTREVISTA | DANIELA ARBEX

Jornalista e escritora



LEONARDO GORGES  
leonardo.gorges@somosnsc.com.br

*As reportagens publicadas pela jornalista Daniela Arbex, 44 anos, já produziram muitos efeitos. Eis alguns dos mais marcantes: anulação de sentença judicial, prisão de policiais e mudança da causa mortis de um ex-guerrilheiro contra a ditadura. Repórter do jornal Tribuna de Minas há 23 anos, ela nunca deixou a cidade natal de Juiz de Fora (MG). Mas isso não a impediu de ganhar o país. Há cinco anos, começou uma carreira paralela de escritora, com a publicação do livro Holocausto Brasileiro: vida, genocídio e mais de 60 mil mortes no maior hospício do Brasil. O best-seller, publicado também em Portugal, vendeu mais de 300 mil cópias. Dois anos depois, foi a vez de lançar Cova 312, no qual a mineira conta a história de como as Forças Armadas mataram pela tortura um jovem militante político, forjaram seu suicídio e sumiram com seu corpo. Em janeiro, publicou a obra mais recente, Todo dia a mesma noite, que conta histórias da tragédia na boate Kiss, que deixou 242 mortos em Santa Maria e uma ferida aberta no coração do Rio Grande do Sul. Durante a semana, Daniela esteve na Universidade Federal de Santa Catarina e conversou com a reportagem:*

**Santa Maria não é uma cidade grande, tem menos de 300 mil habitantes. É possível, de alguma forma, mensurar o tamanho do trauma causado pela tragédia da boate Kiss em um município como esse?**

Só consegui entender o tamanho desse trauma quando cheguei lá, porque percebi a magnitude da devastação. Essa dor que a tragédia provocou é uma dor que continua em movimento. Digo que nunca cheguei em Santa Maria e encontrei as famílias da mesma forma que eu deixei. Então, só entendi essa devastação quando pude estar lá por tanto tempo e conversar não só com as famílias que perderam seus entes queridos, mas com quem participou ou trabalhou no evento. É impressionante o tamanho desse trauma. E isso independe do tamanho da cidade. Acredito que, mesmo que tivesse ocorrido em uma cidade maior, o impacto é tão grande que ninguém sai incólume. É impossível.

**Dor em movimento. Que conceito é esse?**

Ela continua agindo. Não é uma dor que provocou aquela ferida e fechou. A ferida continua abrindo. É movimento porque você não consegue pedir superação. Ninguém supera a morte de um filho. Exigir superação é uma total falta de empatia com a dor do outro. Se hoje eu for lá, talvez as pessoas estejam. Mas eu posso voltar daqui a um tempo e aquela pessoa, que estava cheia de projetos, cai na cama, em depressão, como foi o caso da Carina (mãe de uma vítima). Eu cheguei para ler para ela (o capítulo do livro) e ela estava deitada, em uma depressão fortíssima. A dor em movimento também tem muito a ver com a falta de justiça. O livro fala disso. A falta de justiça provoca uma devastação semelhante à da perda.

**QUANDO EU VOU CONTAR A HISTÓRIA DO OUTRO, SE ELE NÃO SE RECONHECER NELA, SIGNIFICA QUE NÃO FIZ O MEU TRABALHO DIREITO.**



**Você falou que se envolveu mais do que gostaria com a história. Por que acha que isso aconteceu?**

Quando você permite que o outro habite em você e se deixa habitar pela dor do outro, é possível enxergar o tamanho desse sofrimento. Você consegue sentir um pouco o que o outro está sentindo. Claro que eu nunca vou dimensionar o que é perder um filho, não dá para ter essa ideia, mas eu consigo me colocar no lugar daquelas pessoas. Isso me afetou profundamente, porque é algo insubstituível. Eu encontrei mães que tinham outros filhos, mas a presença de um remetia à ausência do outro. Era como se elas não enxergassem ou tivessem mais filho nenhum. Eu estive com mães que me disseram que estavam prontas para morrer. Imagine você ouvir isso! Um filho não substitui o outro. É incrível como elas não conseguem mais enxergar os outros filhos. É difícil entender isso.

**Você tem o hábito de ler os capítulos dos seus livros com os personagens. Não é algo comum no jornalismo. Por que fazer isso é importante?**

É fundamental. Quando eu vou contar a história do outro, se ele não se reconhecer nela, significa que eu não fiz o meu trabalho direito. A pessoa que deu a entrevista tem o direito de conhecer a história dela. Então eu faço isso por uma questão de respeito e de ética, mas também para poder checar informações. A gente lida com um volume tão grande de informação que pode errar. Isso aconteceu em uma leitura de capítulo que eu matei o namorado de uma das vítimas e ele sequer havia ido na Kiss. Imagina se eu publico uma coisa dessa, o estrago que eu iria causar na vida desse menino. A leitura é por tudo isso: pela necessidade de checagem, esse rigor tem que ser exaustivo. Você tem que checar, checar e checar. Eu liguei várias vezes para perguntar a mesma coisa depois que o livro já estava pronto. As pessoas me falavam: “Daniela, você já me perguntou isso”. E eu respondia: “mas eu continuo com dúvida”.

**É uma ansia por acertar.**

É isso! O livro é eterno. Não é igual a um jornal, que amanhã pode estar embrulhando peixe. Você não embrulha peixe com um livro, né?

**Você já contou muitas histórias em 23 anos de profissão. Existe alguma que considere mais especial?**

Não. Eu me sinto muito agradecida e privilegiada, pois já contei tantas histórias especiais que elas fazem eu me sentir especial também. Tem a história do Alexandre, que havia sido acusado de estuprar a própria filha e não havia cometido o crime. Ela levou para a cadeia policiais que hoje estão cumprindo pena. Tem a história do Marco Aurélio, que anulou uma sentença no Tribunal de Justiça de Minas. Independente da repercussão que a história tem, como o caso daquela menina que o pai enfiou uma batata quente na boca para puni-la. Foi uma história local, que não teve repercussão nacional nenhuma, mas achar aquela menina depois e mostrar que o destino dela foi as ruas por omissão da Vara da Infância e da Juventude, para mim foi um trabalho tão grandioso quanto contar o Holocausto Brasileiro.

**Por falar em Holocausto Brasileiro, essa era uma história que estava esquecida. Como o assunto surgiu?**

Eu tive vontade de contar essa história quando tive acesso às fotos tiradas em 1961 pelo fotógrafo Luiz Alfredo, da extinta Revista Cruzeiro, dentro do hospital. Elas mexeram muito comigo. Primeiro porque eu descobri que a minha geração não sabia nada sobre essa história. Num primeiro momento, achei que só a minha geração não soubesse, mas depois eu fui ver que o país inteiro

## ENCONTREI MÃES [DE SANTA MARIA] QUE TINHAM OUTROS FILHOS, MAS A PRESENÇA DE UM REMETIA À AUSÊNCIA DO OUTRO. ERA COMO SE ELAS NÃO ENXERGASSEM OU TIVESSEM MAIS FILHO NENHUM.

não sabia. Eu fui inocente (risos). As imagens não me remetiam a um hospital, mas tinha a característica de um campo de concentração. Era um local de destino final para esses indesejados sociais. Foi a partir dessas fotos que eu quis buscar os sobreviventes. E eu queria aqueles fotografados pelo Luiz Alfredo. Eu digo sempre que, se essas fotos não existissem, mesmo com toda a documentação que eu consegui, seria impossível contar essa história. Ninguém iria acreditar.

**Vivemos uma era complicada, com a profusão de mentiras pela internet e pelas redes sociais. Esses tempos fazem do jornalismo algo ainda mais necessário?**

O jornalismo é fundamental para a gente preservar a democracia. A sociedade sem um jornalismo livre, de qualidade, investigativo, caminha para rotas ditatoriais, como em países que a gente vê não ter liberdade de imprensa e controlar as informações. Hoje, quando recebe uma informação, a gente já se questiona: “Será que isso é verdade?”. A gente já trabalha com o “se”. A foto está lá, mas a gente pensa que pode ser montagem. As fake news trouxeram tanta insegurança que isso só reforça o papel e a importância do jornalismo para a sociedade.

**Tornar o jornalismo mais humano é uma saída?**

É algo com o qual trabalho sempre. A humanização é o grande caminho do jornalismo. Ao se colocar no lugar do outro, isso provoca mudança. É algo que transforma o olhar e o sentimento das pessoas. tocar o outro é um grande caminho, reforçar esse papel do jornalismo como instrumento de transformação social.

**Você diz que trabalha com investigação e humanização.**

São os caminhos que eu encontrei para fazer o jornalismo que eu acredito. A investigação me garante uma apuração de qualidade. A humanização aproxima o leitor – ou telespectador – daquela realidade. Isso é muito poderoso.

**Você pegou época de transformações na profissão. A internet facilitou ou dificultou o trabalho de investigação?**

Acho que facilitou muito. Eu tenho um conhecido e a gente discute as investigações com o auxílio do computador. Eu falei para ele: “a gente precisa gastar a sola de sapato”. E ele me retrucou: “o computador te mostra onde gastar a sola de sapato” (risos). É uma verdade. Eu não posso virar as costas para isso. Usar as ferramentas para acessar informações públicas é fantástico. Mas é preciso aliar essa possibilidade com outras. O computador não vai ao cartório para você, não vai manusear os

inquéritos. É por isso que, quando o Supremo Tribunal Militar me liberou (o inquérito que serviu de base para o livro *Cova 312*), mas disse que iria me enviar uma cópia, eu disse que não e fui lá, porque eu sabia o que era importante para a minha investigação. Não vou deixar que me digam o que é importante. Eu quero ler e descartar o que não interessa.

**No seu caso, ser jornalista e escritora são coisas complementares?**

São. Eu não gostava muito de ser tratada como jornalista e escritora, porque para mim eu sou jornalista acima de tudo. Mas eu começo a entender que há algumas diferenças mesmo. Ser jornalista para mim é tudo, eu não preciso de mais título nenhum. Eu já me sinto superhonrada de alguém dizer: “ela é jornalista”. Quando falavam em jornalista e escritora, eu ficava incomformada. Mas é diferente mesmo. São papéis distintos. O que não denigre a minha condição de jornalista.

**O quanto difícil é conciliar essas duas profissões?**

É uma loucura. Minha vida virou de cabeça para baixo. Mexeu com tudo, com a minha vida emocional, familiar e até com a minha rotina de jornalista. Antes, eu era 100% do jornal. Agora eu me divido e já não sou mais. Você pensa: “não estou dando tudo o que posso”. Mas ao mesmo tempo eu não tenho como dar tudo o que posso. É um conflito eterno. São caminhos que a vida toma.

**Você trabalha em um jornal de menor porte. Esse fato mais ajuda ou mais atrapalha?**

Os dois. Hoje eu não tenho mais a mínima tristeza quando dizem “imagina essa matéria em um jornal grande, ela explodiria”. Eu tenho uma noção real do meu papel e do que eu tenho que fazer pela minha comunidade. Eu optei em fazer um jornalismo voltado para a minha comunidade. E isso é grandioso. Não tenho mais esse conflito de não estar escrevendo para muitas pessoas. O que eu faço é o papel de jornalista.

**Com a internet, as notícias podem se espalhar mais, não?**

Depende. Às vezes, a minha coluna de domingo tem 100 compartilhamentos (no Facebook), o que é uma frustração. É pouco para caramba. Você pensa: “Estou escrevendo para quem? Ninguém lê”. Aí você quer matar um! (risos). Mas tem vezes em que é muito lida, como no caso da coluna de saúde mental, que a Eliane Brum compartilhou. Ser lido é muito bom (risos).

**Num horizonte de médio prazo, pretende continuar conciliando as carreiras?**

Essa é a grande questão. Quando eu souber, te falo (risos). Eu sei que vai chegar o momento – e ele pode estar próximo – em que eu não vou mais conseguir conciliar. Mas eu estou adiando, ainda não tenho coragem de encerrar. Eu preciso do jornal, e não estou falando financeiramente. Eu amo trabalhar naquele jornal.

**Qual é o maior reconhecimento que o autor pode receber?**

É ouvir coisas como: “o seu livro mudou a minha vida”, “resolvi ser do jornalismo por causa do seu livro”, “resolvi ser psicóloga por causa do seu livro”, “vou ser um psicólogo melhor por causa do seu livro”. Tudo isso não tem preço.

**Você diz que sorte não existe. Por quê?**

Dizer que foi sorte minimiza o seu esforço. Parece que você estava no lugar certo e na hora certa. Não é bem assim. Claro que há momentos em que as coisas convergem e tudo dá certo. Mas, se você não ralar muito e suar a camisa, nunca estará no lugar certo e na hora certa.

# Diário Catarinense

## Economia

### “Catarinenses estão na expectativa”

Catarinenses estão na expectativa / Henrique Meirelles / Ministério da Fazenda / Eduardo Guardia / Michel Temer / Universidade Federal de Santa Catarina / João Rogério Sanson / Fiesc / Glauco José Côrte / Fecomércio / Bruno Breithaupt / Ivan Tauffer / FCDL

SÁBADO E DOMINGO, 31 DE MARÇO E 1º DE ABRIL DE 2018

23

## ECONOMIA

# CATARINENSES ESTÃO NA EXPECTATIVA

**PARTE DE ENTIDADES** empresariais do Estado se diz confiante diante da possível substituição do ministro Meirelles, que decide nos próximos dias sobre saída da Fazenda para concorrer. Outras têm receio de inflação ou acham prematuro avaliar

KARINE WENZEL

karine.wenzel@somosnsc.com.br

O clima é de incerteza entre entidades catarinenses com a saída iminente de Henrique Meirelles (PSD) do Ministério da Fazenda. Enquanto aguardam a definição oficial de quem assumirá a pasta, alguns representantes no Estado acreditam na manutenção da atual política econômica e outros demonstram receio quanto a possíveis alterações. Meirelles vai se filiar ao PMDB

e a previsão é que deixe o cargo nos próximos dias para tentar concorrer nas eleições presidenciais em outubro.

Apesar de afirmar que ainda é cedo para saber como será a atuação do Ministério da Fazenda a partir de agora, o presidente da Fecomércio/SC, Bruno Breithaupt, aponta algumas medidas que deveriam avançar com um novo comando. Para ele, as principais seriam a aprovação da reforma tributária e a concessão de mais incentivos ao setor empresarial:

– Santa Catarina tem os melhores ín-

dices de crescimento e menor índice de desemprego. Isso faz com que tenhamos mais oportunidade de crescer. Com mais algumas medidas, como incentivo à classe empresarial, toda a cadeia econômica pode ser beneficiada.

Breithaupt lembra que um dos grandes méritos de Meirelles à frente da pasta foi conseguir “emplicar o equilíbrio fiscal”.

O presidente da Federação das Câmaras de Dirigentes Lojistas de Santa Catarina (FCDL/SC), Ivan Tauffer, não se mostra tão otimista e vê com receio a mudança:

– A saída de Meirelles preocupa, porque o ministro vinha cuidando da economia do país e segurou a inflação.

Tauffer teme que a troca de comando freie o varejo catarinense, que começava a se recuperar, além de minar o otimismo do empresariado:

– A mudança pode acabar impactando na inflação, o que afeta diretamente [no varejo], já que as famílias acabam ficando com menos dinheiro no bolso e compram menos. Isso pode gerar desemprego também.

## São poucas mudanças em vista

O nome para substituir o ministro Henrique Meirelles seria Eduardo Guardia, segundo informação divulgada pelo jornal O Estado de S. Paulo. Guardia é o atual secretário-executivo da Fazenda e a expectativa é que ele siga a mesma linha de trabalho de Meirelles. Ainda segundo a publicação, o presidente Michel Temer avaliou que estabelecer uma continuidade na equipe econômica é o melhor caminho, principalmente às vésperas da campanha eleitoral.

Projeções indicam um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) que pode chegar a 3,4%, além de arrecadação em alta, inflação baixa e juros em queda. O economista e professor da Universidade Federal de Santa Catarina João Rogério Sanson não acredita em grandes mudanças na condução da pasta:

– Não deve mudar a orientação que Meirelles vinha imprimindo, ele vai trabalhar em dobradinha com o Banco Central. Significa que haverá o mesmo tipo de orientação, de tentar segurar os gastos públicos e inflação, via juros.

Por meio de nota, o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina (Fiesc), Glauco José Côrte, reforça essa perspectiva. Apesar

de considerar que o ideal seria a manutenção de Henrique Meirelles na Fazenda “pela liderança e credibilidade que ele tem junto ao mercado”, o dirigente acredita que a saída não deve trazer impactos relevantes para Santa Catarina. Côrte diz que a política econômica está definida e o Brasil, gradativamente, retoma o crescimento.

### PARA FIESC, AGENDA DE REFORMAS É IMPORTANTE

“Avaliamos que o desempenho econômico em 2018 está praticamente dado e será favorável. A questão crítica para manter o crescimento do PIB a partir de 2019 é o prosseguimento da agenda de reformas. Ou seja, só a decisão dos brasileiros nas próximas eleições poderá garantir a modernização do ambiente econômico, contas públicas equilibradas e empresas em condições de competir no mercado global”, reforça a nota da entidade.

A Secretaria da Fazenda de Santa Catarina, também por nota, manifestou que considera cedo para falar em impactos, mas que a atual política econômica deve ser mantida no país.

“

Consideramos que a saída não trará impactos relevantes para o país ou para Santa Catarina, pois a política econômica está definida e o Brasil, gradativamente, retoma o crescimento. Avaliamos que o desempenho econômico em 2018 está praticamente dado e será favorável.



**GLAUCO JOSÉ CÔRTE**  
Presidente da Fiesc

“

Estávamos começando a ter números positivos no varejo, agora estamos preocupados com uma saída dele. A mudança pode acabar impactando na inflação, o que afeta diretamente [no varejo], já que as famílias acabam ficando com menos dinheiro no bolso e compram menos.



**IVAN TAUFFER**  
Presidente da FCDL/SC

“

O que se espera é que o novo ministro consiga decidir e aprovar uma reforma tributária e que consiga incentivos para a classe empresarial. SC tem os melhores índices de crescimento, menor índice de desemprego. Isso faz com que tenhamos mais oportunidade de crescer.



**BRUNO BREITHAUPT**  
Presidente da Fecomércio/SC

“

O entendimento da Secretaria de Estado da Fazenda é de que ainda é cedo para falar em qualquer impacto com a saída de Henrique Meirelles do Ministério da Fazenda. Se confirmadas as notícias veiculadas pela imprensa, a atual política econômica deve ser mantida, o que na prática significa que nada muda para os Estados.

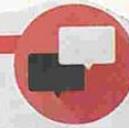
**SECRETARIA DA FAZENDA**

**Notícias do Dia**  
**Fábio Gadotti**

“Não há solução com passe de mágica”

Não há solução com passe de mágica / UFSC / Universidade Autônoma de Barcelona / Rodrigo Giraldi Cocco / Livro / Transporte público e mobilidade na região metropolitana de Florianópolis / Editora Insular / Mobilidade

**Rodrigo Giraldi Cocco** ■  
especialista em mobilidade urbana



MARCO SANTIAGO/ND

## “Não há solução com passe de mágica”



*Doutor em Geografia pela UFSC e pela Universidade Autônoma de Barcelona, Rodrigo lança em Florianópolis no dia 19 de abril o livro "Transporte público e mobilidade na região metropolitana de Florianópolis" (Editora Insular).*

*de Florianópolis" (Editora Insular).*

### **O que o senhor destaca no livro?**

Falo do tema específico, mobilidade, utilizando o instrumental da geografia. O livro coloca que a estrutura de planejamento da região metropolitana não está à altura dos seus desafios. É uma região de grande complexidade territorial – como a condição insular – que exige uma atuação articulada.

### **Como outras cidades, dentro e fora do país, podem inspirar Florianópolis?**

Eu faço, por exemplo, algumas comparações entre as políticas públicas de Barcelona e de Florianópolis. O que vi lá e também em

outras cidades europeias é que a vanguarda do pensamento sobre o planejamento urbano é o sistema de transporte se adaptar à heterogeneidade dos grupos sociais, que têm padrões de mobilidade distintos. E que, lógico, isso existe após décadas e décadas de investimentos. É preciso um mix de tecnologias articuladas. Barcelona tem VLT que passa pelas áreas centrais, ônibus nas regiões baixas, que funcionam de madrugada e micro-ônibus que sobem encostas.

### **Qual é, na sua opinião, a discussão central quando se discute mobilidade?**

Um dos grandes problemas é que as elites urbanas brasileiras pensam que se resolve o problema da mobilidade com um passe de mágica. É necessário o fortalecimento do Estado de uma forma bastante contundente. Porque a iniciativa privada não tem interesse em oferecer sozinha todo esse mix tecnológico. Na Europa, a presença maciça do Estado investindo no transporte público vem de longa data. Em Barcelona, o poder público subsidia 55% do transporte coletivo.

**Diário Catarinense**  
**Cacau Menezes**  
"Semana UFSC"

Semana UFSC

**SEMANA UFSC**  
COMEÇA SEGUNDA-FEIRA E  
VAI ATÉ O DIA SETE DESTE MÊS  
LINDO DE ABRIL, NA UFSC, A  
SEMANA DE DEBATES, IDEIAS,  
CULTURA E EVENTOS MAIS  
IMPORTANTE DO ANO NA  
CIDADE DE FLORIANÓPOLIS.

**Notícias do Dia**  
**Hélio Costa**  
"Carro recuperado"

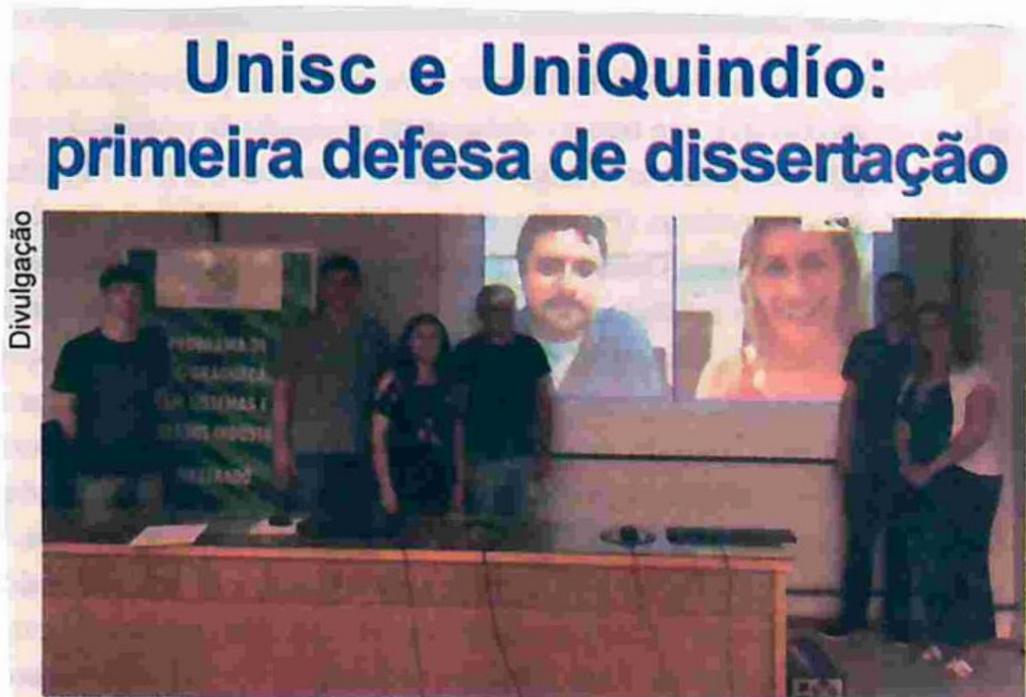
Carro recuperado / Trindade / Florianópolis / Assalto / Universidade Federal  
de Santa Catarina

**Carro recuperado**

Durante ronda de rotina no bairro Trindade, em Florianópolis, uma guarnição do 4º BPM (Batalhão da Polícia Militar) localizou um veículo Nissan Versa, com placas de São José. O carro havia sido tomado de assalto horas antes no campus da Universidade Federal de Santa Catarina. Segundo a polícia, o carro pode ter sido usado num segundo roubo. Não houve prisão.

“Unisc e UniQuindío: primeira defesa de dissertação”

Unisc e UniQuindío: primeira defesa de dissertação / Mestrado em Sistemas e Processos Industriais / SPI / Mestrado em Engenharia com ênfase em Engenharia de Software da Modalidade em Pesquisa / Colômbia / Lucas Vinícius Reis / Mestrando / Banca examinadora / Ana Julia Dal Forno / Professora / UFSC



O Mestrado em Sistemas e Processos Industriais da Unisc (SPI) e o Mestrado em Engenharia com ênfase em Engenharia de *Software* da Modalidade em Pesquisa da UniQuindío (Colômbia) tiveram, no dia 28 de fevereiro, a primeira defesa de dissertação em regime de dupla titulação. O duplo diploma é possibilitado por meio do convênio de cooperação firmado entre os dois programas, tendo o aluno Lucas Vinícius Reis, do Mestrado em Sistemas e Processos Industriais, permanecido por seis meses realizando disciplinas e parte de sua pesquisa na UniQuindío, na Colômbia.

A defesa ocorreu na sala 5328, bloco 53, com o tema *Desenvolvimento de modelo de maturidade lean/green: avaliação da sinergia através de uma plataforma online*. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores doutores: Liane Mählmann Kipper (Orientadora - Unisc), Fáber Giraldo Velásquez (Coorientador - UniQuindío), Rejane Frozza (Unisc) e Ana Julia Dal Forno (UFSC).

A Ansiedade dos Millennials / Jurandir Sell Macedo / Professor / Finanças  
Pessoais / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Ansiedade /  
Medo / Escolhas

**EDUCAÇÃO FINANCEIRA**

# A ANSIEDADE DOS MILLENNIALS

Na última semana de fevereiro iniciei as aulas em quatro turmas de Finanças Pessoais na Universidade Federal de Santa Catarina. Nelas estão matriculados cerca de 170 alunos de diversos cursos da UFSC pois, a disciplina é optativa para todos os cursos da universidade. Na primeira aula, visando integrar a turma, solicito que cada aluno diga o seu nome, o curso que frequenta, algo interessante sobre ele e finalmente alguma coisa que gostaria de mudar em si mesmo. Neste semestre pouco mais da metade dos alunos disse que gostaria de ser menos ansioso.

por **JURANDIR SELL MACEDO**



O resultado da pergunta reforçou minha percepção de que o nível de ansiedade dos alunos não para de aumentar. A cada ano que passa observo mais alunos reclamando de ansiedade e sei que muitos utilizam largamente ansiolíticos no dia-a-dia.

O medo é uma característica biológica do ser humano e de outros animais, ele é a resposta emocional a uma ameaça iminente real ou percebida, já a ansiedade é a antecipação da ameaça futura. Tanto o medo como a ansiedade foram e são fundamentais para o homo sapiens, eles nos preparam para lutar ou fugir dos perigos da vida. Segundo o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais, os transtornos de ansiedade compartilham características de medo e ansiedade excessivos e perturbações comportamentais relacionados. Portanto, não podemos diagnosticar que a maioria dos alunos tenham transtorno de ansiedade, mas apenas que o excesso de ansiedade lhes incomoda.

*Mas o que tem levado tantos jovens a se considerar ansiosos?*

#### **SOCIEDADE DE EXCESSOS**

Em um lapidar artigo: "Angústia do excesso", do Dr. Ercy Soar, médico psiquiatra e doutor em ciências humanas e longos anos de prática de terapia familiar, Soar descreve que vivemos "um tempo de pouco tempo e de muitas oportunidades".

Segundo o psiquiatra, estamos migrando de uma sociedade de consumo para uma "sociedade de excessos". Nesta sociedade existe excesso de informações, de opções e de alternativas, gerando um novo fenômeno que ele denomina "angústia do excesso", onde o excesso de escolhas se torna fonte permanente de ansiedade. Ele apropriadamente afirma que "não ter opções é um problema. Tê-las demais, outro".

#### **O CUSTO DAS ESCOLHAS**

Na história da humanidade sempre tivemos que tomar decisões e fazer escolhas. Estas decisões, em geral, eram muito



Na história da humanidade sempre tivemos que tomar decisões e fazer escolhas. Estas decisões, em geral, eram muito mais dramáticas do que as atuais. Uma escolha errada e poderíamos nos tornar presa de algum animal ou morrer de fome. Porém nunca tivemos tantas escolhas a fazer quanto agora.



mais dramáticas do que as atuais. Uma escolha errada e poderíamos nos tornar presa de algum animal ou morrer de fome. Porém nunca tivemos tantas escolhas a fazer quanto agora.

O processo de tomada de decisões é altamente complexo e envolve diversos sistemas cerebrais diferentes. Ocupando apenas 2,5% de nossa massa corporal, o cérebro consome até 25% da energia total do nosso corpo. Quanto mais decisões tomamos, mais energia e capacidade cognitiva gastamos. A cada escolha que fazemos precisamos abrir mão de outras opções. E temos imensa dificuldade em trabalhar as perdas resultantes das escolhas.

O professor de economia comportamental do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Dan Ariely, fez um experimento simples para demonstrar como temos dificuldade em aceitar perdas. No experimento, os participantes são colocados a frente de um computador. Na tela aparecem três portas: uma vermelha, uma azul e outra verde. Cada participante tem direito a cem cliques. Após abrir cada porta com um clique, o participante entra em uma sala com objetos que, ao serem clicados, dão recompensas que variam de um a dez centavos de dólar.

“

O progresso material da sociedade abriu portas para a aquisição de novos produtos e conhecimentos, porém temos limites cognitivos e de tempo, o que nos impede de aproveitar todas as maravilhas desta nova sociedade. Assim, ensina Dr. Soar, precisamos aprender, e principalmente ensinar aos nossos filhos a escolher o que não queremos saber e, especialmente, o que não queremos experimentar.”

Cada sala virtual tem diferentes retornos médios e compete ao participante descobrir qual delas oferece a melhor gratificação. Espera-se, depois, que ele permaneça na sala escolhida. Foi o que fez a maioria dos participantes: após quatro ou cinco cliques em cada sala, eles escolhiam uma que consideravam a mais apropriada, e permaneciam ali até terminarem os cem cliques.

Mas em um segundo grupo, os pesquisadores alteraram o experimento. Cada porta passou a perder um doze avos do tamanho depois de cada clique em outra porta. Se a porta não fosse aberta depois de 12 cliques, ela desapareceria da tela do computador. O que aconteceu, então? As pessoas passaram a não ficar mais na sala que julgavam ser a melhor. Ao contrário, faziam o máximo para não permitir que nenhuma das portas desaparecesse. Para manter todas as portas abertas, os participantes acabavam tendo uma remuneração final 15% menor do que aqueles que não tiveram que lidar com as portas que sumiam.

Depois disso, os pesquisadores alteraram novamente o experimento. Cada clique para manter uma porta aberta passou a custar três centavos de dólar. Os participantes continuaram a desperdiçar cliques, tempo e dinheiro tentando evitar que as portas desaparecessem.

A pesquisa do professor Arielly leva a pensar sobre como esta dificuldade de escolher interfere em nossa vida pessoal e financeira.

### A ANSIEDADE DAS ESCOLHAS

Conhecendo a realidade socioeconômica da maioria dos meus alunos não acredito que os perigos reais sejam a fonte de medo e ansiedade, prefiro acreditar nas explicações do Dr. Ercy e do Professor Dan Arielly. O que tem levado meus alunos a níveis anormais de ansiedade é o excesso de escolhas que a vida lhes apresenta.

Basta retrocedermos poucas décadas, um piscar de olhos em termos evolutivos, para encontrarmos jovens que tinham menos escolhas durante a vida. Tínhamos um ou dois carros acessíveis, viajar quando muito era para alguma cidade próxima dentro do nosso próprio país. Até as carreiras a seguir eram limitadas.

Atualmente ao abrir qualquer rede social os jovens das classes mais favorecidas podem ver seus contatos nas mais diferentes partes do mundo, passando pelas mais diferentes experiências que possam imaginar. O mundo do consumo e das experiências se descortina e tudo parece estar ao alcance.

O progresso material da sociedade abriu portas para a aquisição de novos produtos e conhecimentos, porém temos limites cognitivos e de tempo, o que nos impede de aproveitar todas as maravilhas desta nova sociedade. Assim, ensina Dr. Soar, precisamos aprender, e principalmente ensinar aos nossos filhos a escolher o que não queremos saber e, especialmente, o que não queremos experimentar. Ou seja, escolher quais portas queremos deixar de gastar recursos para manter abertas. **RI**



#### JURANDIR SELL MACEDO

é doutor em Finanças Comportamentais, com pós-doutorado em Psicologia Cognitiva pela Université Libre de Bruxelles (ULB) e professor de Finanças Pessoais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).  
[jurandir@edufinanceira.org.br](mailto:jurandir@edufinanceira.org.br)

# CLIPPING DIGITAL

31/03/2018

[Especialista defende atuação articulada em políticas de planejamento urbano](#)

[Os leilões, a atuação da Petrobras e da Statoil](#)

[Roubo com feridos em Curitiba](#)

01/04/2018

[Dias melhores](#)

[Body modification. Conheça o mundo das mudanças corporais extremas](#)

[O assassinato de Marielle: a cobertura "palaciana" e fake da Folha e Estadão, por Samuel Lima](#)